

Con'verso: Pontes de Escuta na Escola

Conversation: Listening Bridges in School

Cláudia Aparecida de Oliveira Leite

Docente da Universidade do Estado de Minas Gerais
Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-1634-4866>
E-mail: claudia.leite@uemg.com.br

Wallace Gonçalves de Oliveira

Psicólogo graduado pela Universidade do Estado de Minas Gerais
Orcid ID: <https://orcid.org/0009-0008-1309-0371>
E-mail: wallacegonliver@gmail.com

Ana Caroline Nascimento

Discente pela Universidade do Estado de Minas Gerais
Orcid ID: <https://orcid.org/0009-0004-0561-7816>
E-mail: anacaroline.mg28@gmail.com

Resumo

O presente artigo apresenta as reflexões geradas mediante a implementação do projeto de extensão “Converso: pontes de escuta na escola”. O objetivo principal do projeto é propiciar uma escuta que possibilite o reconhecimento da singularidade, por meio da disponibilidade de um plantão de acolhimento psicológico e a partilha do espaço coletivo, construído pelo dispositivo da conversação e das oficinas de poesia e outras artes. Dessa forma, reconhecemos que a escola é um lugar de multiplicidade, onde os laços se estabelecem ancorados na complexidade humana. Ou seja, a escola

participa ativamente dos dispositivos de poder, reproduzindo os discursos sociais e recolhendo os efeitos das desigualdades que atravessam a vida e os corpos. A perspectiva epistemológica que sustenta os trabalhos e intervenções desse projeto de extensão é a Psicanálise. Nessa formulação, reconhecemos a potência da fala (da palavra) que abre caminhos para a mediação como estratégia privilegiada nas ações educativas. Por essa via, os resultados favoráveis à promoção da saúde, advindos dessa abertura extensionista, surgem da oferta de um espaço de acolhimento e escuta aos estudantes de escolas públicas.



Palavras-chave: Educação; Psicanálise; Saúde.

Abstract

This article presents reflections generated by the implementation of the extension project “Conversation: Listening Bridges in School”. The primary objective of the project is to provide a listening space that fosters the recognition of individuality, offering psychological support services and creating a collective environment through conversations and workshops in poetry and other arts. We understand the school as a space of multiplicity, where connections are formed based on human complexity. In other words,

the school actively participates in power dynamics, reproducing social discourses and reflecting the effects of inequalities that permeate life and bodies. The epistemological framework guiding the work and interventions of this extension project is Psychoanalysis. From this perspective, we recognize the power of speech (the word) as a fundamental tool for mediation, which works as a privileged strategy in educational actions. Thus, the positive outcomes in promoting health through this initiative emerge from the provision of a space for support and attentive listening to public school students.

Keywords: Education; Psychoanalysis; Health.

Área temática da extensão: Educação

O projeto Con’verso: pontes de escuta na escola

A Universidade, em seu amplo papel formativo, educativo e social, trabalha constantemente para estreitar os laços com a sociedade que a sustenta. O campo educativo entrelaça a construção do conhecimento com a diversidade e com o movimento civilizatório, mantendo, com isso, a importância da sustentação de um laço perene entre sociedade e universidade. Nessa esteira, vivenciamos um momento em que a extensão universitária se consolidou como um componente curricular obrigatório. Dessa maneira, o projeto de extensão permite que o discente construa seu saber no campo social, recuperando os conhecimentos adquiridos no seio da universidade e reconhecendo o saber construído nos diversos lugares sociais. Ao mesmo tempo, a sociedade acessa os benefícios da sua contribuição na forma de um trabalho de qualidade que retorna para a população.

Portanto, considerando essa função da extensão, o projeto “Con’verso: pontes de escuta na escola”, que originou como atividade de estágio curricular online, durante o



contexto pandêmico da Covid-19, realiza suas intervenções desde 2020. Cabe ressaltar que os pontos germinais desse projeto se iniciaram no contexto desafiador da pandemia, marcando a primeira experiência de intervenção online nas escolas públicas com as oficinas de poesia. Quando retornamos aos trabalhos presenciais e consideramos a emergência de outras demandas que as escolas nos endereçavam, a proposta de intervenção foi reconfigurada e ampliada. O sofrimento psíquico apresentado pelos estudantes das escolas ultrapassou as propostas delineadas para o estágio, exigiu a ampliação da carga-horária dos discentes e implicou na formalização do presente projeto, o qual será apresentado neste artigo.

Destacamos, portanto, que a articulação entre a Psicologia e a Educação é profundamente relevante para a sociedade e mantém um longo percurso, o qual mobiliza pesquisadores e estudiosos dos dois campos. Os saberes construídos nessa articulação não se hierarquizam e devem constituir um amplo espaço de partilha em que a dimensão subjetiva e social se estabeleça na promoção da saúde e da convivialidade. Nesse sentido,

Algumas reflexões importantes passaram a nortear as pesquisas na área da Psicologia Escolar e Educacional, principalmente aquelas que apontam para a busca da relação entre saúde/doença, prevenção/tratamento, educação/terapia além do próprio estudo sobre a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação e suas implicações para a atuação psicológica na instituição escolar. Igualmente se registra a preocupação em reavaliar os modos de atuação do psicólogo ou da psicóloga frente às queixas escolares, implicando repensar seu papel para além da avaliação e da disciplina, considerando assim uma ampliação no olhar e na prática (Viana, 2016, p. 57).

No percurso histórico da relação entre Psicologia e Educação, evidencia-se a complexidade de um cenário repleto de encontros e desencontros. Por isso, a interação entre essas áreas é, muitas vezes, impulsionada por críticas e reflexões. Por outras vezes, como resultado dessas mobilizações críticas, podemos observar transformações interessantes nas atuações da Psicologia na Educação, principalmente quando as práticas privilegiam a experiência do sujeito no contexto coletivo, social e escolar.

Podemos considerar que o início da atuação do psicólogo no Brasil esteve ligado a um trabalho de base laboratorial, situado no século passado, em que o profissional da Psicologia centrava sua prática na mensuração dos fenômenos psíquicos. Como



consequência dessa abordagem psicométrica, a Psicologia tendia a direcionar os problemas educacionais exclusivamente aos alunos, desconsiderando os fatores institucionais e sociais envolvidos no processo (Dias; Patias; Abaid, 2014).

A partir de 1980, com a inserção de profissionais da Psicologia nas escolas de alguns municípios, inicia-se gradualmente um movimento político voltado à reflexão sobre a atuação desses profissionais no campo educacional. Esse movimento ampliou as discussões acerca dos desafios enfrentados na educação. A contribuição de diversas abordagens em Psicologia provocou uma mudança na forma de problematizar as dificuldades educacionais, indicando que o entrecruzamento de fatores sociais, afetivos, cognitivos e estruturais supera uma perspectiva que atribui exclusivamente ao aluno à origem dos problemas. Nesse sentido, a Psicologia, inserida nesses espaços de debate, passou a propor e a exercer — não sem obstáculos — práticas psicológicas nas escolas com um caráter mais coletivo, buscando alcançar os aspectos fundamentais que constituem a educação (Guzzo *et al.*, 2010).

O projeto de extensão *Con'verso* insere-se nesse contexto em que a atuação da Psicologia no campo da Educação reconhece as múltiplas e complexas variáveis que permeiam a vivência nas escolas. Nessa configuração, entendemos que as práticas desenvolvidas no ambiente escolar possibilitam o pleno exercício da extensão universitária, pois mobilizam a construção do conhecimento por meio da articulação de saberes diversos e da partilha das amplas experiências produzidas no campo educativo.

Assim, o projeto *Con'verso: pontes de escuta na escola* é realizado de modo a permitir que a escuta opere como abertura para diferentes possibilidades de passagem, tanto na perspectiva singular — por meio da oferta de plantão de acolhimento psicológico — quanto na perspectiva coletiva, com o uso dos dispositivos da conversação, das oficinas de poesia e de outras expressões artísticas. Propomos reconhecer a escola como um espaço de multiplicidade, onde os laços se estabelecem ancorados na complexidade da experiência humana. Ou seja, compreendemos que a escola participa ativamente dos dispositivos de poder, ao mesmo tempo em que reproduz discursos sociais e acolhe os efeitos das desigualdades que atravessam a vida e os corpos. No entanto, ao participar



desses dispositivos, a escola também produz saber e atua como agente de transformação na vida de crianças e jovens. Por essa via, reconhecemos que

Não se trata mais de 'estender à sociedade o conhecimento acumulado pela Universidade', mas de produzir, em interação com a sociedade, um conhecimento novo. Um conhecimento que contribua para a superação da desigualdade e da exclusão social e para a construção de uma sociedade mais justa, ética e democrática (FORPROEX, 2012, p. 17).

A perspectiva epistemológica que sustenta os trabalhos e intervenções desse projeto de extensão é a Psicanálise. Essa abordagem nos permite reconhecer a potência da fala (da palavra) para favorecer a mediação como estratégia privilegiada nas ações educativas. Vale ressaltar que o enlaçamento entre Psicanálise e Educação se estabeleceu desde as primeiras incursões freudianas. Freud (1996a) inclui os dois campos dentre as tarefas impossíveis, o que não significa dizer que elas não podem ser experimentadas e realizadas, mas sim que elas devem ser apreciadas considerando o ponto incontrollável da singularidade. A prática de trabalho desenvolvida pelo projeto, portanto, considera a singularidade na estreita relação com a coletividade, considerando como marcos teóricos os conceitos de inconsciente, desejo, transferência e saber. Diante dessa sustentação, o objetivo do Con'verso é ofertar um espaço de acolhimento e escuta a fim de contribuir para a promoção da saúde de estudantes das escolas públicas estaduais. Essa abertura para a escuta acontece pelo dispositivo do plantão psicológico, que contribui com a comunidade escolar no acolhimento à urgência subjetiva dos estudantes. A coletividade e convivialidade, dimensões fundantes do espaço escola, também são contempladas nesse objetivo pela oferta de um espaço de palavra para os estudantes, através dispositivo da conversação. Nessa abertura de escuta, visamos construir um espaço de palavra para que cada um(a) se aproprie da sua enunciação, construindo espaços potencialmente criativos para sustentar a posição de sujeito. Esse empenho para promover ações criativas também é construído pelo Recreio Con'verso, intervenção que ganhou corpo pela aposta na poesia e outras artes.

As reflexões que trazemos neste artigo versam sobre a experiência de extensão vivenciada nos anos de 2023-2024 em três escolas estaduais situadas em uma cidade de



médio porte no interior de Minas Gerais. A *Escola 1* contava com 929 estudantes matriculados, dentre os quais, 24 eram acompanhados sob práticas pedagógicas inclusivas. As turmas dessa escola se dividem em três turnos de funcionamento nas modalidades de ensino fundamental I e II, ensino médio e EJA (Educação de Jovens e Adultos). Na *Escola 2*, trabalhamos com o contingente de 445 alunos, distribuídos em ensino fundamental I e II e Ensino Médio. Na *Escola 3*, contávamos com 375 estudantes do fundamental I e II e Ensino Médio.

Nesse biênio, 2023-2024, o projeto Con'verso impactou, de forma direta, 1749 crianças e adolescentes matriculados nas três escolas públicas estaduais. De forma indireta, o projeto atingiu os trabalhadores da educação (servidores, professores, técnicos) e as famílias, pois as ações que acolhem e promovem a saúde mental dos estudantes impactam o meio em que eles vivem. Este trabalho extensionista estabeleceu, prioritariamente, como público alvo, a intervenção no campo da Psicologia junto às crianças e adolescentes no espaço escolar, mas considerando os efeitos do trabalho em rede.

Extensão na escola: a infância e adolescência do nosso tempo

As elaborações recolhidas do projeto Con'verso nos convidam a discernir as peculiaridades da infância e da adolescência do nosso tempo, a fim de promover um movimento de trabalho que colabore para a construção de práticas no universo escolar, contando com a atuação dos discentes e com o saber já construído pelos promotores da educação. Portanto, a infância e a adolescência recebem um lugar de escuta que reconhece, no mesmo movimento, a dimensão singular e a constituição coletiva fundante.

Sobre esse tempo da infância e da adolescência, lembramos que Philippe Ariès (1981), em seu livro *História social da infância e da família*, reúne aspectos importantes sobre a trajetória da criança no Ocidente, no decorrer dos anos e em diferentes contextos históricos. Através de seus escritos, percebemos a grande influência dos mecanismos de educação na delimitação da infância e da adolescência, uma vez que, conforme o autor, entre os séculos XV e XVIII, a criança deixava o ambiente familiar para viver com outros



membros da comunidade, aproximadamente aos sete anos, e assim, aprender um ofício e aprender a rotina da vida adulta. Na obra de Ariès (1981), fica evidente que não havia diferenciação entre faixas etárias, pois, na época clássica, a criança (que não se diferenciava do adolescente) era tratada e representada artisticamente como “adultos em miniatura”. Mais tarde, quando o sistema educacional constituído por escolas passou a ser difundido, o uso das delimitações das fases do desenvolvimento foi mais recorrente, entretanto, “até o século XVIII, a adolescência foi confundida com a infância” (Ariès, 1981, p. 50).

Se a infância se constrói num espectro cultural e civilizatório, o mesmo ocorre com a adolescência. A adolescência é reconhecida como a fase do desenvolvimento humano caracterizada pela passagem da infância à juventude, que tem uma marca no corpo bastante significativa sob o nome de puberdade. Freud (1996b) foi um dos primeiros a realizar um estudo sobre esse acontecimento específico da vida humana. Em seu livro “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (Freud, 1996b), ele dedica o terceiro ensaio para considerar as transformações da puberdade e estabelecer as mudanças psíquicas que marcam essa importante transição para o início da vida adulta.

A puberdade é o momento em que acontecem as modificações biológicas e físicas no fim da infância. Tais modificações provocam rupturas fundamentais na vivência do sujeito. Segundo Corso (2002), o termo adolescência é frequentemente associado aos verbetes “luto” e “desestruturação”. Para essa autora, a adolescência parte de um processo contínuo, que acompanha a própria origem do sujeito. Paulatinamente, o século XX começou a dar um lugar discursivo a todo cenário que compõe a emergência desse acontecimento no corpo e o termo *adolescência* ganhou uma abrangência e, em muitos campos, substituiu o termo *puberdade*. Tomando a ampliação do termo adolescência, nós entramos em um terreno em que as fronteiras são frágeis, finas e pouco nítidas.

A atenção que dedicamos à adolescência, nesse projeto de extensão, deve-se às demandas de intervenção nesse público específico. Por isso, é importante considerar que, conforme nos lembra Alberti (2010), há por parte do adolescente o desempenho de um grande trabalho de construção permeado por escolhas que contêm, como matéria prima,



os apontamentos e indicativos anteriores a sua própria adolescência. Em meio a tal construção, a escola é um espaço privilegiado que contribui para as diversas escolhas do adolescente e podemos pensá-la, inclusive, como um dos espaços potencialmente criadores de ideias e possibilidades que serão transmitidas ao sujeito.

Nesse sentido, entendemos que a linguagem é sinônimo de transmissão e movimento daquilo que é matéria prima de tal construção e interligação (Alberti, 2010). Portanto, ofertar a possibilidade da palavra, pelos dispositivos do plantão psicológico, da conversação e das oficinas (Recreio Con'verso) permitirá uma ampliação de possibilidades diante da bagagem histórica de cada estudante, possibilitando a desnaturalização de preconceitos, a flexibilização de identificações e permitindo transformações (Coutinho; Oliveira, 2015).

Portanto, ao realizarmos este projeto nas escolas, possibilitamos que esse espaço, que é um local de aprendizagem por excelência, se estabeleça também como um local de acolhimento. A subjetividade, as experiências e mudanças vivenciadas cotidianamente por cada um, numa realidade complexa, assumem sua relevância no ambiente educacional. Por toda essa complexidade, consideramos fundamental ofertar um espaço de palavra dentro da escola que permitirá novos encaminhamentos para os estudantes na vivência desafiadora da infância e na sustentação dessa passagem chamada adolescência. Lembramos que essa passagem se estabelece como um tempo “mudo” por excelência e, portanto, a oferta da palavra pode precipitar novos contornos e novas saídas frente à experiência inédita que a adolescência impõe (Costa, 2002).

Metodologias participativas e a ética do bem-dizer

Para abrir frestas no tempo silenciado da adolescência e ancorados na ética do bem-dizer, que sustenta a Psicanálise, sustentamos a metodologia participativa, que privilegia a interação dialógica, a interdisciplinaridade e a interprofissionalidade. Assim, lembramos que:



Em Projetos de Extensão Universitária são utilizadas metodologias participativas, ou seja, aquelas que permitem a participação do público, juntamente com os membros da equipe universitária, de forma ativa, como coautores no processo, ao contribuírem com seus próprios saberes, opiniões e práticas, em uma interação democrática e dialógica. Nas metodologias participativas todos são considerados fontes de informação, facilitando a expressão de diferentes formas de pensar (UNESP, 2017, p. 10).

Nessa vertente metodológica, apresentaremos, a seguir, os três principais dispositivos que utilizamos para diagnosticar, intervir, participar e avaliar os resultados do projeto de extensão. Consideramos também a técnica, frequência e registros das atividades desenvolvidas como fontes de elaboração e construção de saber.

Na primeira etapa do trabalho, realizamos a escuta e observação da escola. Esse é o primeiro movimento de reconhecimento do saber de estudantes e educadores, que poderão lançar suas propostas e ideias para um diálogo com a equipe de extensão. Concomitantemente, anunciamos a proposta do projeto para os cuidadores (adultos responsáveis pelos estudantes), entendendo que, os mesmos também recolhem os efeitos do projeto. Nessa proposição, avançamos na reorganização das referências bibliográficas que sustentam a teorização sobre o trabalho, formulando as leituras, discussões e estudos do projeto. Tal etapa é crucial para a promoção do vínculo ensino-extensão.

Juntamente com a escola, os extensionistas organizaram a disponibilidade dos discentes plantonistas de psicologia, encaminhando as propostas da conversação e estruturando as oficinas com os estudantes. A equipe do projeto produziu a arte da divulgação e em seguida, disponibilizou o material para os estudantes, cuidadores, educadores e para a direção da escola. Desse primeiro mapeamento fundamental, iniciamos a implementação das três pontes de escuta que ordenamos no projeto.

Primeiramente, apresentamos o plantão psicológico que se estabelece como uma prática clínica que de atendimento qualificado como emergencial, ou seja, o plantão permite acolher as demandas trazidas por um sujeito num momento de crise. Por essa imprevisibilidade, o plantão psicológico não requer um agendamento prévio. O dispositivo do plantão obedece a todos os argumentos do código de ética da psicologia e promove, mediante uma escuta qualificada, uma condição de acolhimento, permitindo que a/o



estudante mobilize recursos e possibilidades diante do acontecimento que lhe provocou mal-estar.

A palavra “plantão”, advinda do francês *planton*, significa ficar ali, estar plantado. Nesse sentido, a/o plantonista se dispõe a “estar ali” disponível para escutar as demandas trazidas pelo estudante. Sabemos que os atendimentos do plantão, dentro de contextos institucionais em que as atividades são realizadas, apresentam um caráter breve. Entretanto, essa brevidade não se refere necessariamente à questão cronológica ou temporal, mas sim corresponde à construção de um trabalho com objetivo delimitado, partindo da queixa e da demanda trazidas pelo sujeito e considerando um eventual apaziguamento de um sofrimento insustentável (Ortolan, 2020).

Nesse sentido, um dos aportes do plantão se aproxima do que consideramos de uma terapia de curta duração e profunda, podendo ser breve no tempo e duradoura em seus efeitos (Hegenberg, 2010). Por essa razão, o plantão recebe orientação direta da docente que coordena o projeto. A realização do plantão psicológico oferece uma ponte de escuta que pode promover diversos encaminhamentos: contato com a família do estudante, intervenção nas turmas, encaminhamento para os serviços de psicologia disponíveis na rede, encaminhamento para outros profissionais, CRAS (Centro de Referência da Assistência Social), CREAS (Centro de Referência Especializada em Assistência Social) etc.

A conversa, dispositivo coletivo que desenvolvemos no projeto, é oriunda da prática psicanalítica clínica aplicada a grupos. Ela tem se expandido como intervenção nos espaços institucionais e, de forma privilegiada, no campo da Educação. A produção do inédito, da surpresa, daquilo que escapa ao previsível são os objetivos da conversa. Nesse sentido, a conversa se fia na regra fundamental da Psicanálise, a “associação livre”, considerando essa associação construída coletivamente, na “entre-fala” dos participantes. Miller (2005) define a conversa como:

[...] uma situação de associação livre, se ela é exitosa. A associação livre pode ser coletivizada na medida em que não somos donos dos significantes. Um significante chama outro significante, não sendo tão importante quem o produz em um momento dado. Se confiamos na cadeia de significantes, vários participam do mesmo. Pelo



menos é a ficção da conversação: produzir — não uma enunciação coletiva — senão uma associação livre coletiva, da qual esperamos um certo efeito de saber. Quando as coisas me tocam, os significantes de outros me dão ideias, me ajudam e, finalmente, resulta — às vezes — algo novo, um ângulo novo, perspectiva inédita (Miller, 2005, p. 15-16 *apud* Miranda; Vasconcelos; Santiago, 2006).

Nesse sentido, a conversação preserva a dimensão da ética da Psicanálise, a ética do bem-dizer, estabelecendo as articulações tecidas sob transferência. O bem-dizer articula aquilo que se pode construir a partir do corte, do silêncio, dos equívocos, modos privilegiados de aparição do sujeito. Nesse sentido, a conversação demarca uma oferta da palavra para que cada um se aproprie da sua enunciação.

A proposta da conversação não constitui um argumento prévio, ou seja, não se estabelece *a priori* o tema do encontro ou mesmo os “objetivos” a serem alcançados durante o trabalho. A construção é partilhada pelo acontecimento do dizer, tal como podemos circunscrever no campo clínico. A fala de um participante interfere na fala do outro, sem, no entanto, se confundir com o outro. O laço social se estabelece pelo discurso. Cada um sustenta seu lugar de enunciação e constrói as associações no enlaçamento da fala sustentada pelo outro.

O manejo da fala, a temporalidade, a estrutura do encontro fazem com que a conversação não seja confundida com uma psicoterapia. Percebemos que, em alguns casos, o encontro pontual, delimitado, serviu de balizas para que o sujeito procurasse um espaço de palavra singular e propondo novos rumos para seus conflitos. O desejo de falar deve ser o principal requisito para participar da conversação, não cabendo à obrigatoriedade nesse processo. Como nos lembra Lacadée (2003), ao propor a entrada da conversação no interior das escolas, pela “oferta de palavra”, se estabelece um espaço fundamental em que se pode falar. Nesse caso, a própria conversação configura uma metodologia de intervenção, pois, diante da experiência do encontro e da palavra, a produção de um saber inédito se realiza.

O projeto extensionista desenvolveu uma terceira modalidade de intervenção durante o intervalo de recreio nas escolas. Esse momento pontual e poético recebeu o nome de “Recreio Con’verso”. Essa atividade se aproxima da demarcação das oficinas



indicas como estratégia de intervenção em saúde mental. A utilização das oficinas, como método no campo da saúde mental, acolhe as diretrizes do SUS (Sistema Único de Saúde) que reconhece os efeitos terapêuticos recolhidos das práticas expressivas, que propiciam um espaço onde os sujeitos exercem a expressão plástica, como, por exemplo, a dança, pintura, teatro, poesias (Brasil, 2004).

O projeto resgata a expressão artística como elemento ordenador capaz de mediar as relações coletivas e, nesse sentido, a arte poética torna-se ponte de intervenção. Para promover o “Recreio Con’verso”, pesquisamos e compilamos a produção de poetas, considerando as várias formas e os diversos estilos em que os mesmos criam seus trabalhos: escritos, narrados e cantados. Essa acepção ampla da poesia permite maior aproximação com os estudantes, mediante um convite mais democrático e acolhedor de culturas e saberes diversos da arte poética: música, literatura, *rap* e poemas. Dessa maneira, os discentes extensionistas do projeto montam, num local de grande circulação, uma bancada que abrigará o material selecionado: livros de poesia, fotos dos artistas, poesias impressas em folhas avulsas, caixa de som, microfone para recitação e também um caderno de registro livre, para que os estudantes possam escrever seus versos e pensamentos.

O “Recreio Con’verso” tem o intuito de ser um lugar livre para que os estudantes sintam-se convidados a experienciar as diversas manifestações da poesia e, com isso, construam ativamente a promoção da saúde mental ao estabelecer pontes de elaborações simbólicas e subjetivas. Como travessia e ponte entre a psicanálise e a escola, a poesia propiciou a criação de vínculos com os estudantes, além de, através do fazer criativo da poesia, consolidou o diálogo sobre diversas questões subjetivas que impulsionam construções e favorecem o processo de dar contorno ao não dito, ao objeto perdido.

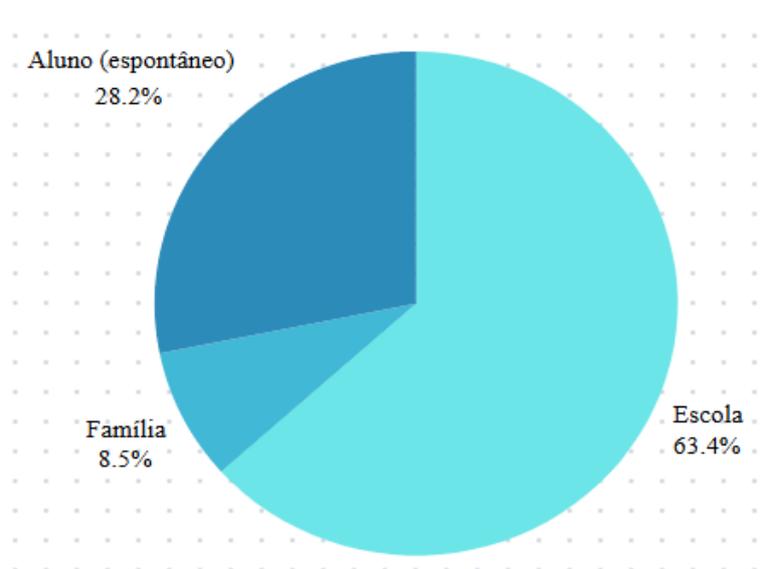
Além disso, os plantonistas do Con’verso construíram tabelas para o registro dos atendimentos realizados. As tabelas foram organizadas por escola e, em cada uma delas, constavam as seguintes informações: data do atendimento, nome do aluno atendido, série e sala, origem da demanda (por exemplo, se o atendimento foi solicitado pelo próprio aluno ou pela escola) e o nome do plantonista responsável.



Dito isso, ao se compreender a importância desses registros tanto para o mapeamento da demanda por escuta no ambiente escolar quanto para a caracterização do público atendido, torna-se pertinente destacar tais dados. Entre 2023 e 2024, foram realizados aproximadamente 308 atendimentos pelo Con'verso, distribuídos em três escolas diferentes, contemplando um total de 213 alunos. A diferença entre o número de atendimentos e o de alunos atendidos deve-se ao fato de que, embora os atendimentos de plantão tenham um caráter pontual, em alguns casos houve demanda por mais de um atendimento para o mesmo aluno. No entanto, nos casos em que se identificava a necessidade de acompanhamento psicológico continuado, os alunos eram encaminhados ao SEPSI (Serviço Escola de Psicologia da Universidade do Estado de Minas Gerais).

Dos 213 alunos atendidos, 95 (45% do total) estavam entre o 6º e o 9º ano do Ensino Fundamental; 68 (32%) entre o 1º e o 5º ano do Ensino Fundamental; e 50 (23%) estavam matriculados no Ensino Médio. Além disso, informações como gênero dos alunos atendidos e a origem das demandas também foram registradas e estão apresentadas nos gráficos a seguir.

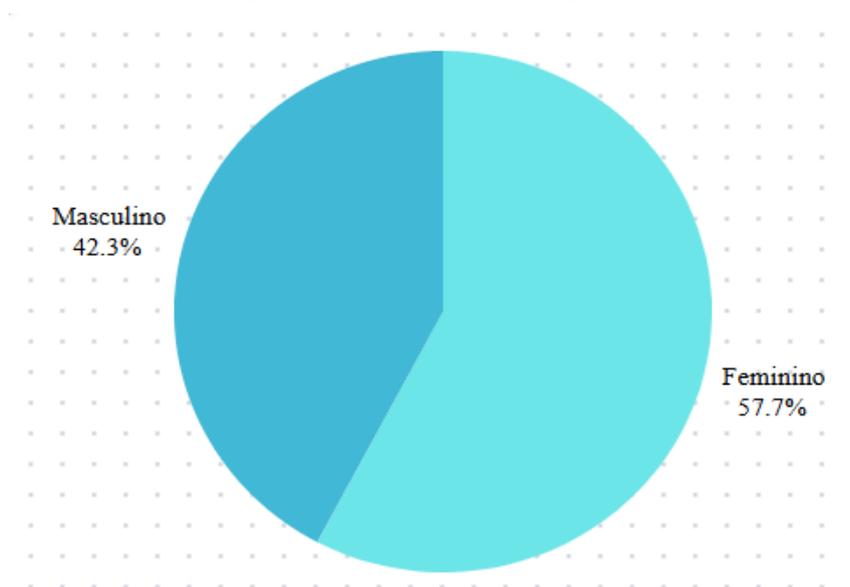
Figura 1 – Origem da demanda por atendimento



Fonte: FORPROEX (2012).

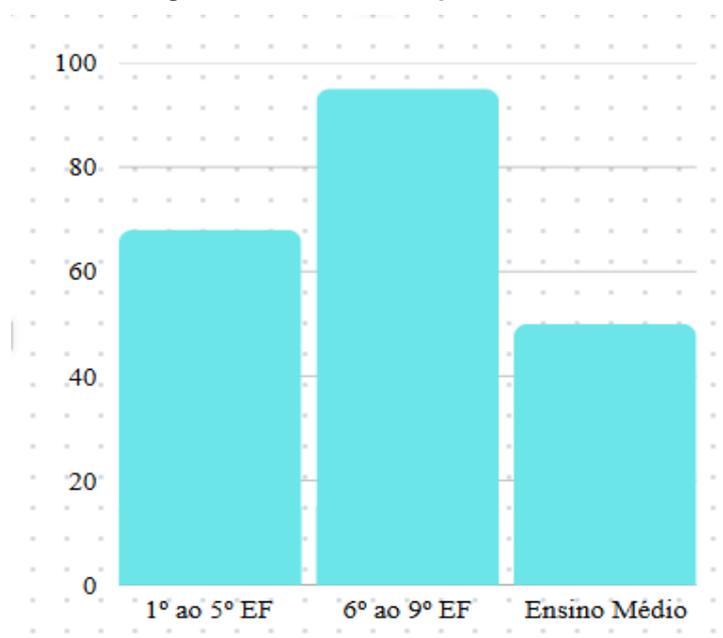


Figura 2 – Distribuição por gênero



Fonte: FORPROEX (2012).

Figura 3 – Distribuição por ano/série



Fonte: FORPROEX (2012).

É possível realizar algumas considerações a partir desses dados. Dentre elas, destaca-se a menor porcentagem de alunos do Ensino Médio atendidos pelo plantão



Con'verso. No entanto, os plantonistas relataram que esses alunos participaram de forma significativa das intervenções realizadas no Recreio Con'verso. Nesse sentido, as interações decorrentes desses encontros revelaram uma maior carga de atividades avaliativas, provas e revisões no Ensino Médio, quando comparado aos demais anos. Assim, uma possível explicação para esses resultados é que esses alunos não se sentiam tão confortáveis em se ausentar da sala de aula durante o tempo de atendimento.

Outra consideração relevante diz respeito à origem da demanda por atendimento. Ainda que 63,4% dos alunos atendidos tenham sido encaminhados pela escola, na maioria das vezes, a demanda que o aluno apresentava não se assemelhava àquela apontada pela instituição. É exatamente a partir da demanda do aluno — isto é, a partir da fala do sujeito — que a práxis psicanalítica se orienta. Desse modo, ainda que a demanda inicial tenha partido da escola, a oferta de escuta ao aluno possibilita o surgimento de uma demanda de acolhimento por parte do próprio sujeito.

A partir de cada intervenção, realizada com base nas propostas metodológicas do projeto Con'verso, foi possível identificar inúmeros resultados positivos relacionados aos alunos no contexto escolar. Ao trabalharmos com as intervenções coletivas, destacaram-se as modalidades de conversação e rodas de conversa. Os temas mais recorrentes nessas experiências foram: sexualidade, racismo, vida escolar, violência na escola (*bullying*), adolescência, fim do ensino médio e conflitos familiares.

A possibilidade de falar livremente em grupo promoveu reflexões e compreensões acerca das vivências dos estudantes. Por meio dos questionamentos e reflexões suscitados, os alunos puderam construir novas saídas frente aos conflitos vivenciados, tanto dentro quanto fora da escola. Em momentos de crise, o grupo de conversação revelou-se uma ferramenta potente para a reorganização das relações e a retomada da confiança no espaço escolar.

O plantão psicológico possibilitou a mediação de diversos conflitos entre os alunos e a instituição, além de contribuir para a ampliação da percepção dos estudantes acerca do próprio lugar no espaço escolar. Consideramos que a oferta do plantão colaborou para a redução dos episódios de autolesão (cortes), que eram frequentes ao longo do ano de 2022.



Ao todo, foram realizados vinte encaminhamentos para serviços como o CAPS-i, o Serviço Escola de Psicologia da UEMG, Unidades Básicas de Saúde (UBS) e clínicas privadas.

A intervenção realizada no *Recreio Con'verso* proporcionou aos alunos um encontro lúdico com a poesia e a música, mobilizando condições e recursos que favoreceram a expressão de afetos e emoções. Observamos que o contato com a poesia suscitou reflexões e processos de elaboração por parte dos estudantes. Destacamos um envolvimento curioso e participativo dos estudantes das escolas públicas que acolheram o projeto. Eles contribuíram com suas palavras, escritas, criações e recriações. A dimensão participativa é compartilhada e, nesse processo, no mesmo movimento em que acolhemos as escritas que eles trouxeram, os estudantes demonstraram interesse em conhecer os escritores cuja arte poética apresentamos.

Considerações finais

A consolidação das atividades extensionistas como estratégia educativa permite que o estudante universitário amplie seu compromisso com o espaço que ocupa, por meio do exercício do seu saber. Nessa perspectiva, o Projeto *Con'verso: Pontes de Escuta na Escola* visa fortalecer os laços entre os diversos setores sociais, principalmente entre o campo da educação (ensino fundamental e médio) e a universidade.

No entrelaçamento entre Psicologia e Educação, destacamos os desafios enfrentados, uma vez que, ao adentrar o espaço escolar, o acadêmico de Psicologia continua a receber demandas que privilegiam a adaptação do estudante ao modelo educacional vigente. Apesar dos avanços teóricos e práticos desenvolvidos no campo da Psicologia Escolar, os quais destacam a complexidade da prática educativa, atravessada por múltiplos vetores (sociais, afetivos, políticos, cognitivos, entre outros), ainda nos deparamos com solicitações que visam à adequação do aluno a um formato de ensino predominantemente individualista (Guzzo *et al.*, 2010). Na prática extensionista, orientados pela perspectiva psicanalítica, buscamos elaborar estratégias em que os contornos subjetivo-coletivos possibilitem que cada sujeito assuma responsabilidade por seu fazer e



saber no espaço escolar. Esse posicionamento está em consonância com diversos movimentos críticos contemporâneos da Psicologia e da Educação, que buscam superar os modelos individualistas de intervenção. Nesse sentido, colaboramos com a criação de ambientes que possibilitem a fala dos próprios alunos, especialmente a partir de uma concepção coletiva desse espaço.

Neste artigo, partilhamos essa experiência construída coletivamente, a fim de contribuir para o diálogo entre os campos do conhecimento e da práxis educativa. Em nossa prática extensionista, constatamos que a extensão correlaciona teoria e prática, por meio da participação de graduandos em Psicologia desde o ciclo básico, quando dão seus primeiros passos e começam a constituir seu lugar na formação. Assim, movimentam-se mais pontes de escuta e saberes entre a universidade e a comunidade.

Agradecimento

A equipe do projeto de extensão *Con'verso: Pontes de Escuta na Escola* agradece ao Programa Institucional de Apoio à Extensão (PAEX) da Universidade do Estado de Minas Gerais pelo financiamento concedido, nos editais 1/2023 e 1/2024.

Referências

ALBERTI, S. **O adolescente e o Outro**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Saúde mental no SUS: Os Centros de Atenção Psicossocial**. Brasília, DF: MS, 2004. Disponível em: http://www.ccs.saude.gov.br/saude_mental/pdf/SM_Sus.pdf. Acesso em: 10 mar. 2023.

CORSO, D. Édipo, latência e puberdade: a construção da adolescência. **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre**, Porto Alegre, v. 23, p. 18-30, 2002.

COSTA, A. Apagando marcas: registro e endereço adolescente. **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre**, Porto Alegre, n. 23, p. 9-17, 2002.



COUTINHO, L. G.; OLIVEIRA, B. O. Conversações com adolescentes na escola: bullying ou mal-estar nas relações? **Educação em Foco**, Juiz de Fora, v. 20, n. 1, p. 205-228, 2015.

DIAS, A.; PATIAS, N.; ABAID, J. Psicologia Escolar e possibilidades na atuação do psicólogo: algumas reflexões. **Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 105-111, 2014.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS. **Política Nacional de Extensão Universitária**. Manaus: Imprensa Universitária, 2012. Disponível em: <https://www.ufmg.br/proex/renex/images/documentos/2012-07-13-Politica-Nacional-de-Extensao.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2023.

FREUD, S. Análise terminável e interminável. *In*: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (vol. XXIII)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996a. Originalmente publicado em 1937.

FREUD, S. Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade. *In*: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (vol. VII)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996b. Originalmente publicado em 1905.

GUZZO, R. S. L. *et al.* Psicologia e Educação no Brasil: Uma Visão da História e Possibilidades nessa Relação. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, DF, v. 26, p. 131-142, 2010. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistapt/article/view/17512>. Acesso em: 10 mar. 2023.

HEGENBERG, M. **Psicoterapia Breve: Clínica Psicanalítica**. São Paulo: Casapsi Livraria, Editora e Gráfica Ltda, 2010.

LACADÉE, P. Le pari de la conversation du CIEN - accueillir le « hors norme » dans le lieu de l'institution. **Revue Vacarme**, [s. l.], n. 22, p. 40-42, 2003. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-vacarme-2003-1-page-40.htm>. Acesso em: 10 mar. 2023.

MIRANDA, M. P.; VASCONCELOS, R. N.; SANTIAGO, A. L. B. Pesquisa em psicanálise e educação: a conversação como metodologia de pesquisa. **Psicanálise, Educação e Transmissão**, São Paulo, v. 6, 2006. Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000032006000100060&lng=en&nrm=abn. Acesso em: 10 mar. 2023.

ORTOLAN, M. L. M. *et al.* Possibilidade da psicanálise no serviço de plantão psicológico: um lugar de retificação subjetiva. **Stylus (Rio de Janeiro)**, Rio de Janeiro, n. 39, p. 147-158, 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-157X2019000200010&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 17 maio 2021.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS. **Relatório final do Edital 01/2024 do Programa de Apoio à Extensão**. Divinópolis: PAEX: UEMG, 2024.



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. **Manual Dinâmico para Elaboração de Proposta de Projeto de Extensão Universitária e Iniciação à Extensão Universitária.** São Paulo: PROEX: UNESP, 2017.

VIANA, M. N. Interfaces entre a Psicologia e a Educação: Reflexões sobre a atuação em Psicologia Escolar. *In*: FRANCISCHINI, R.; VIANA, M. N. (org.). **Psicologia Escolar: que fazer é esse?** Brasília, DF: CFP, 2016. p. 54.